

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I62 Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-777-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.779211312>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.arenaeditora.com.br
contato@arenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade”, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas temáticas, ligadas à Educação, que a compõe.

Ao refletirmos sobre a Investigação Científica percebemos sua importância para a Educação, pois permite o desenvolvimento do potencial humano que os envolvidos mobilizam no processo de pesquisa; ou seja, é o espaço mais adequado para estimular a curiosidade epistemológica, conduzindo a aprendizagens que podem nascer de problemáticas postas pelas diversas questões cotidianas.

Depois da mobilização ocasionada pelas diversas inquietudes que nos movimentam na cotidianidade e ao aprendermos a fazer pesquisa, entendendo o rigor necessário, nos colocamos diante de objetos de conhecimentos que exigem pensar, refletir, explorar, testar questões, buscar formas de obter respostas, descobrir, inovar, inventar, imaginar e considerar os meios e recursos para atingir o objetivo desejado e ampliar o olhar acerca das questões de pesquisa.

Nesse sentido, os textos avaliados e aprovados para comporem este livro revelam a postura intelectual dos diversos autores, entendendo as suas interrogações de investigação, pois é na relação inevitável entre o sujeito epistemológico e o objeto intelectual que a mobilização do desconhecido decorre da superação do desconhecido. Esse movimento que caracteriza o sujeito enquanto pesquisador ilustra o processo de construção do conhecimento científico.

É esse movimento que nos oferece a oportunidade de avançar no conhecimento humano, nos possibilitando entender e descobrir o que em um primeiro momento parecia complicado. Isso faz do conhecimento uma rede de significados construída e compreendida a partir de dúvidas, incertezas, desafios, necessidades, desejos e interesses pelo conhecimento.

Assim, compreendendo todos esses elementos e considerando que a pesquisa não tem fim em si mesmo, percebe-se que ela é um meio para que o pesquisador cresça e possa contribuir socialmente na construção do conhecimento científico. Nessa teia reflexiva, o leitor conhecerá a importância desta obra, que aborda várias pesquisas do campo educacional, com especial foco nas evidências de temáticas insurgentes, reveladas pelo olhar de pesquisadores sobre os diversos objetos que os mobilizaram, evidenciando-se não apenas bases teóricas, mas a aplicação prática dessas pesquisas.

Boa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE MULTICAMPI: UMA ANÁLISE PELO ASPECTO (MICRO) POLÍTICO

Nadia Hage Fialho

Ivan Luiz Novaes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113121>


CAPÍTULO 2..... 15

O DIREITO À EDUCAÇÃO E A ADOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS AMBICIONANDO A EFETIVAÇÃO DOS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) FIRMADOS NA AGENDA 2030

Cilene Magda Vasconcelos de Souza

Gabriel Mateus Moura de Andrade


José Luiz Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113122>

CAPÍTULO 3..... 27

FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO ESCOLAR DE ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES, DO ENSINO BÁSICO, NO BRASIL E PORTUGAL: EM BUSCA DE NOVAS PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES

Clara Maria Almeida Rios


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113123>

CAPÍTULO 4..... 45

FORMAÇÃO E ENSINO EM SAÚDE: ASPECTOS QUE PERMEIAM A CONSTRUÇÃO DO SER DOCENTE

Renata Scartezini Martins

Kelen Antunes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113124>

CAPÍTULO 5..... 56

ESTILOS PARENTALES Y EL ROL ASUMIDO EN LA VIOLENCIA EN EL NOVIAZGO EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Claudia Rocío Bueno Castro

Gloria Margarita Gurrola Peña

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113125>

CAPÍTULO 6..... 68


ESTRÉS ACADÉMICO Y LOCUS DE CONTROL EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS: UN ESTUDIO COMPARATIVO







Aurora León Hernández

Sergio González Escobar


Norma Ivonne González Arratia López Fuentes

Blanca Estela Barcelata Eguiarte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113126>

CAPÍTULO 7.....	79
INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A VIDA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FRANS KRAJCBERG E A ÁREA DE EDUCAÇÃO, POTENCIALIZADAS PELO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE	
Uillian Trindade Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113127	
CAPÍTULO 8.....	90
A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O DESAFIO DA MEDIAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO	
Ivanete Rodrigues dos Santos	
Gilberto Gomes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113128	
CAPÍTULO 9.....	97
PRÁTICAS RESTAURATIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR	
Carla Giselle Duenha de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113129	
CAPÍTULO 10.....	112
NORMATIVAS LEGAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O CURRÍCULO DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM FÍSICA	
Yasmin dos Santos de Araujo	
Yara Araujo Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131210	
CAPÍTULO 11.....	125
PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO GAMIFICADO PARA APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS POR ALUNOS SURDOS	
Raquel Fonseca Maldonado	
Mariana Leite Marques da Silva Bezerra	
Edison Souza Trindade	
Tábata de Oliveira Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131211	
CAPÍTULO 12.....	136
GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM CRIANÇAS E PROFESSORAS?	
Gislene Cabral de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131212	
CAPÍTULO 13.....	150
A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO COMO COMPLEMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA AS ESCOLAS DA REDE BÁSICA DO ESTADO DE SERGIPE	
José Vítor Rodrigues Santos	
Andrea Ferreira Soares	
Aline Lima de Oliveira Nepomuceno	

Francisco Prado Reis
Vera Lúcia Corrêa Feitosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131213>

CAPÍTULO 14..... 163

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O QUE REVELAM OS DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR


Osmar Mackeivicz
Viridiana Alves de Lara Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131214>

CAPÍTULO 15..... 174

O DISCURSO DE AUTOAJUDA E AS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS DO SUJEITO PROFESSOR


Samuel Cavalcante da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131215>

CAPÍTULO 16..... 188

O USO DE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA) NA ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

Helano da Silva Santana Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131216>

CAPÍTULO 17..... 200

PONDERANDO EL PROCESO METACOGNITIVO EN NORMALISTAS POR MEDIO DEL APRENDIZAJE ACELERADO


Miryam Nava Cervantes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131217>

CAPÍTULO 18..... 207

IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO IFPA


Maria Cristina Afonso Ferreira
Maria de Fátima Matos de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131218>

CAPÍTULO 19..... 225

A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DA REGIÃO SUDESTE DO PAÍS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Letícia Pereira de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131219>

SOBRE OS ORGANIZADORES 233

ÍNDICE REMISSIVO..... 234

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM CRIANÇAS E PROFESSORAS?

Data de aceite: 01/12/2021

Gislene Cabral de Souza

Universidade do Minho, Doutoranda em Estudos da Criança, Investigadora do Centro de Investigação em Educação, (CIEd) - Universidade do Minho
Braga, Portugal
<http://lattes.cnpq.br/9028134458845360>

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da Educação Infantil. A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Rondonópolis, Mato Grosso, em uma turma do 2º Agrupamento do 2º Ciclo, tendo como sujeitos uma educadora efetiva da Rede Pública Municipal, graduada em Pedagogia, e 20 crianças com idades entre 5 e 6 anos. Ainda para a construção deste estudo foram utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa etnográfica, esta investigação tem, também, se deparado com feminilidades e masculinidades que são produzidas na escola. Nesse sentido, observa-se que, em suas relações de gênero, as crianças aprendem comportamentos padronizados socialmente, que repercutem em seus modos de ser menino e menina. Constatou-se que os discursos presentes em sala de aula são pautados em relações binárias, que demarcam os tempos, os espaços e os objetos que pertencem a meninos

e meninas. Ainda assim, apesar de todas as estratégias para adequar as crianças a padrões normativos de comportamento foi observado, que existem situações em que as crianças manifestam resistências ao que lhes é imposto, seja por meio de disputas, confrontos ou escapes, demonstrando que há sempre possibilidades para construir outros modos de ser e de agir com relação aos gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Educação Infantil. Relações de Gênero. Corpo.

GENDER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: WHAT DO CHILDREN AND TEACHERS SAY?

ABSTRACT: The main objective of this article is to understand gender relations in the ways in which children interact in the context of Early Childhood Education. The research was developed in a Municipally-run School of Early Childhood Education (EMEI) in the city of Rondonópolis, State of Mato Grosso, in a 2nd group class of the 2nd cycle. As subjects, one of them was a permanent educator of the Municipal Public Sector (a Pedagogy graduate), and 20 children aged between 5 and 6 years old. For the formulation of this study, methodological procedures of qualitative ethnographic research have also been used. Moreover, this research has also been facing feminine and masculine traits that are formed in school. In this sense, it is observed that, in their gender relations, children learn socially standardized behaviors that have repercussions on their ways of being a boy or a girl. It was found that the classroom discourses are based on gender binary relationships, which

demarcate the times, environments and objects that belong to boys and girls. Still, despite all the strategies to adapt children to normative patterns of behavior, it was observed that there are situations in which children manifest resistance to what is imposed on them, whether through disputes, clashes or slips. As a result, such reactions demonstrate that there are always possibilities to shape different ways of being and acting in relation to genders.

KEYWORDS: Childhood. Early Childhood Education. Gender relations. Body.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observamos que questões de gênero vêm sendo intensamente debatidas e discutidas no âmbito da educação. Um manancial de pesquisas sobre essa temática, no cenário nacional tem sido desenvolvido nas áreas de Psicologia, Sociologia e educação.

O trabalho como professora, atuando há dezesseis anos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, motivou-me a pesquisar um pouco mais sobre o tema apresentado nesta pesquisa, que tem como principal objetivo compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da Educação Infantil. Em minha atuação como professora de crianças, percebia que a relação das crianças com o próprio corpo e o corpo do outro gerava certo desconforto por parte dos pais e professores. Com isso, surgiu o interesse em aprofundar o debate acerca das questões de gênero existentes no espaço escolar e como o/a professor/a lida com esses temas em suas práticas pedagógicas.

Apesar dos grandes debates sobre o tema, as iniciativas para preparar os educadores a lidarem com temáticas relacionadas ao gênero, principalmente no âmbito da Educação Infantil, não têm sido suficientes. Ainda encontramos profissionais que carregam, em seus discursos, um ranço de conservadorismo, oriundo de uma cultura que ainda insiste em ser dominante, sem respeitar a história pessoal e cultural, a etnia e a identidade sexual de cada criança.

É preciso que a escola seja vista não somente como um espaço de reprodução de modelos, mas também como um terreno privilegiado de discussões e rompimento de tabus, trazendo às crianças e aos/as professores/as¹ a oportunidade de problematizar os modelos dominantes de relacionarem-se afetiva e socialmente. Isto se coaduna com o que declara Felipe (2007, p. 83): “[...] as instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais.”

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Rondonópolis, Mato Grosso, em uma turma do 2º Agrupamento do 2º Ciclo,

1. A partir deste momento, será abandonado o uso da fórmula o(a) e será empregado o masculino genérico, como preconizado na língua portuguesa, para referir a homens e mulheres, desde que não interfira na precisão de sentidos.

tendo como participante uma educadora efetiva da rede, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com treze anos de experiência na Educação Infantil. A observação foi realizada uma vez por semana durante o segundo semestre do ano letivo de 2014, numa turma com 20 crianças, com idades entre 5 e 6 anos.

INFÂNCIA, CORPO, SEXUALIDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO

Ao apresentar o conceito de infância com base em Ariès (1981), é importante considerar que este retrata o contexto europeu e temos apenas a visão ocidental, ou seja, esse modo de ver a infância foi baseado na Europa e, por isso, não considera a diversidade de cultura de outros espaços. Com a colonização do Brasil, os europeus trouxeram não só valores e costumes, mas também concepções de infância, que influenciam a cultura brasileira até os dias atuais.

Segundo Ariès (1981, p. 99), “o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. O sentimento de infância é, portanto, o que caracteriza a criança, a sua essência enquanto ser e, principalmente, os modos de pensar e agir, que divergem do adulto e, por isso, necessita ter uma visão mais específica.

A definição da palavra infância dada pelos dicionários de língua portuguesa engloba o período que vai do nascimento ao ingresso da puberdade. A Organização das Nações Unidas (ONU), na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada em 1989, define como criança todas as pessoas menores de dezoito anos de idade, enquanto, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) considera que criança é a pessoa até os doze anos incompletos.

A origem da palavra infância vem do latim *infantia* e se refere ao indivíduo que ainda não é capaz de falar. Assim, temos essa fase atribuída à primeira infância, que vai até sete anos, idade que representa a presença da razão. Ainda assim, a idade cronológica não é suficiente para caracterizar a razão, como afirma Kuhlmann Jr. (1998, p. 16), a infância “tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel.”

De acordo com Salgado (2005, p. 41), “não há como refletir sobre a infância fora do movimento da história, da cultura e das relações sociais entre crianças e adultos, que definem e redefinem seus significados”. Ariès (1981) afirma que no século XII a criança era vista como um adulto em miniatura, e, por não possuir, aos olhos dos adultos, características singulares, estas foram desconsideradas naquela época. No século seguinte, as crianças começaram a ter visibilidade em imagens que demarcavam a inocência e a pureza infantil. Suas representações como anjos e seres assexuados resultaram, entre os séculos XIII e

XVII, na necessidade de manter a pureza infantil, como forma de preparar a criança até mesmo para a morte a fim de salvar sua alma inocente. No século XVI, as crianças passam a ser vistas como partícipes de uma geração diferente da do adulto e, no século seguinte, as características vislumbradas pelos adultos eram a fragilidade e a debilidade infantil.

De acordo com Foucault (1993), a partir do século XVIII, as instituições educacionais multiplicaram-se, aperfeiçoaram-se e se tornaram um exemplo de poder, com a função de disciplinar as crianças, principalmente o corpo e a sexualidade de meninos e meninas, o que comprova que a sexualidade infantil era vista com grande preocupação. Além dos pedagogos, os médicos compartilhavam dessa preocupação, passando a vigiar as crianças e instalaram dispositivos de vigilância, criaram maneiras de forçar confissões, estabeleceram discursos acerca dos riscos da sexualidade vivida ainda na infância e colocaram os pais e professores em estado de alerta constante.

Com o passar dos anos, a postura velada em relação ao sexo permanecia, principalmente quando envolvia crianças e adolescentes. Apesar dessa postura silenciosa, ainda circulava um discurso sobre o sexo que incluía as crianças, pois, conforme Foucault (1993), ao falar sobre o sexo das crianças, fazê-las falarem sobre, ou até mesmo ao impor discursos purificantes, o discurso sobre a sexualidade existe e se multiplica.

Existem alguns discursos que reforçam as características físicas e os comportamentos esperados para meninas e meninos. Pequenos gestos e práticas de professores quando, por exemplo, elogiam a delicadeza de uma menina e a força de um menino; ou quando é pedido para um menino ajudar a carregar os materiais para as atividades e para a menina ajudar a limpar a sala de aula. Essas situações ocorrem diariamente nas escolas, e comprovam que as expectativas são diferentes para meninos e meninas. Assim, meninas e meninos vão desenvolvendo suas potencialidades para corresponder às expectativas determinadas pelos adultos, ou seja, de acordo com as características mais aceitáveis para o feminino e para o masculino.

No Brasil, temos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), e este defende que, na infância, o desenvolvimento da sexualidade é amplamente determinado pela história e cultura de cada sociedade, as quais norteiam o comportamento sexual das pessoas.

As discussões sobre o corpo como material biológico ou cultural têm gerado divergências de opiniões, principalmente entre as Ciências Humanas e Sociais e as Ciências Naturais e Biológicas. Buss-Simão et al (2010, p. 153) afirmam que esses estudos “[...] destacam que o ser humano deve ser considerado em sua inteireza biocultural, pois se constitui, ao mesmo tempo, como totalmente biológico e totalmente cultural; dito de outra forma, no ser humano, o biológico encontra-se constituído pela cultura.”

Considerando o processo de construção social e histórica que perpassa o conceito de infância, temos, na presente pesquisa, os modos como os seus corpos se relacionam, se manifestam e são adornados. A própria forma de organização escolar prevê um padrão

de comportamento e ensina às crianças o autocontrole para manter o corpo imóvel durante horas, esquadrinhado, calmo e dócil, visando a postura, poucos gestos e a construção de bons hábitos.

A ideia de que a sexualidade seja algo que o ser humano naturalmente possui, sendo inerente a todas as pessoas, ainda é muito difundida pela sociedade. Levando em consideração essa ideia, acredita-se que a relação que homens e mulheres têm com o corpo seja a mesma. No entanto, essa concepção desconsidera que as pessoas possuem singularidades, sejam culturais, históricas ou sociais e que, portanto, não são iguais. Sob esse contexto, os corpos também ganham sentidos distintos.

A palavra “gênero” pode ser usada com os mais variados significados e acepções, sendo utilizada em diversos campos do conhecimento e atribuída para definir características e valores tanto nos reinos animal, vegetal e humano. Nas ciências naturais, gênero significa “espécie”; já para as ciências sociais e humanas, campo no qual se situa esta pesquisa, gênero também está relacionado à construção cultural das noções de feminilidade e masculinidade, a partir das diferenças sexuais.

Os discursos sobre os corpos produzem modos de ser, com cada cultura funcionando como um corpo social que produz corpos individuais. A família, a igreja, a mídia e a escola, dentre outros, por meio de suas práticas e de seus discursos, produzem os seres humanos, bem como os modos como estes são reconhecidos como pessoas. Nesse sentido, Rosa (2004) argumenta que o corpo é definido como “um hipertexto, cenário, mapa, sinalizador, território de protesto e de criação. Subterfúgios e dribles... acessórios, adornos, decorações”. (ROSA, 2004, p. 7).

As contribuições de Scott (1995) mostram que, ao se observar os papéis masculinos e femininos na sociedade, é preciso incentivar a desconstrução da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino, buscando uma igualdade social e política, não apenas em relação ao sexo, mas também no tocante à raça e à classe.

Vários autores procuram definir o conceito de gênero. Para Louro (1997, p. 77), gênero se refere “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Nota-se, com essa definição, que gênero não está relacionado propriamente à diferença sexual, mas à maneira como ela é apresentada na cultura, por meio do modo de pensar, agir ou falar sobre essa experiência subjetiva.

É importante incentivar políticas públicas que incidam nas questões de gênero, avalia Felipe (2007), uma vez que esses esforços são fundamentais para que sejam ampliados estudos e pesquisas, pois são eles que fomentam as discussões em torno da sexualidade e dos aspectos sociais, culturais e sociais envolvidos na temática.

METODOLOGIA

Para a condução desta pesquisa, optei pela observação participante da rotina das crianças, inspirada na etnografia, que se apresenta como possibilidade para compreender o coletivo de crianças, sujeitos deste estudo. A opção teórico-metodológica se deve à importância de observá-las coletivamente, em seu cotidiano. Neste caso, o coletivo investigado é composto pela turma de Educação Infantil.

De acordo com Angrosino (2009), a observação participante inicia-se a partir do momento em que o pesquisador entra no cenário de campo e passa a vivenciar tudo o que ocorre em sua volta com riqueza de detalhes. É importante ver as particularidades recorrentes, as novas situações e também fatos habituais percebidos pelas pessoas que estão inseridas em uma determinada ocasião. Para ele, a “observação é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos” (ANGROSINO, 2009, p. 74). A observação foi efetuada regularmente, a fim de responder a questão teórica proposta: como se inscrevem nos corpos infantis no cotidiano escolar as relações de gênero?

Para atender aos preceitos éticos, o diretor da escola assinou uma declaração autorizando a realização da pesquisa naquela unidade escolar, conforme apêndice A; a professora e os pais das crianças da turma pesquisada assentiram a participação delas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As crianças também foram consultadas sobre o interesse de contribuir com a pesquisa. Para tanto, primeiramente, houve a apresentação da pesquisadora, e, depois, foi exposto o projeto de pesquisa, cujo maior objetivo seria conhecê-las, seus modos de conviver uns com os outros, sobretudo meninos e meninas, suas preferências por brinquedos e brincadeiras. Assim, tivemos o assentimento da participação das crianças da turma, que, muito curiosas, queriam saber onde a pesquisadora estudava e como seria a pesquisa. Após a aceitação dos sujeitos, expliquei que seriam utilizadas somente as iniciais de seus nomes, para preservar a identidade de todos os sujeitos presentes na pesquisa.

As crianças foram observadas na relação com a professora e entre elas. Os eventos ocorridos nessas interações foram registrados por meio de caderno de campo, gravador de voz, fotografias e vídeos. Porém, como fui convidada a colaborar com a professora e com as crianças em vários momentos, não tive condições de fazer todas as anotações *in loco* e inúmeras vezes tive que fazer os registros no caderno de campo após os acontecimentos, ao sair da escola.

Conforme Pereira (2012), a pesquisa com crianças discute o lugar social ocupado por pesquisadores e crianças, reflete sobre a alteridade entre os adultos e crianças durante a pesquisa.

A pesquisa com crianças ainda tem sido um grande desafio para estudiosos sobre o tema, isso porque, muitas vezes, elas não são reconhecidas como sujeitos com participação

social. Nesse contexto, é importante destacar que um bom estudo sobre o tema deve ser trabalhado com bases teóricas, para que a criança seja vista como um ator social, com a possibilidade de produzir cultura.

A turma pesquisada pertence ao 2º agrupamento do período matutino, é composta por 20 crianças, sendo 11 meninos e 9 meninas, com idades entre 5 e 6 anos, classe social de baixa renda e variados pertencimentos étnicos. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano letivo de 2014. As observações ocorreram semanalmente, de agosto a outubro do referido ano, perfazendo um total aproximado de 120 horas.

No ano letivo de 2014, as crianças permaneciam na escola por 4 horas diárias, totalizando 20 horas por semana. A unidade possui uma estrutura física adequada, com: nove salas de aula; uma sala dos professores, que também funciona como sala de TV; uma brinquedoteca; uma sala da direção; uma sala da coordenação; uma sala da secretaria; dois depósitos; quatro banheiros para as crianças; um banheiro para os funcionários; três parques infantis: um de plástico, com escorregador, balanços, cesta de basquete; um de madeira, em estilo rústico, com balanços, ponte, gangorra; e outro de madeira colorida, multifuncional e uma quadra poliesportiva coberta. Há muitas árvores, com bancos de madeira ao redor, que favorecem a convivência sob suas sombras. Há, também, uma cozinha experimental, que pode ser usada para experimentos culinários, no entanto, ao longo desta pesquisa, não observamos seu uso em momento algum, por nenhuma turma.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO VIVIDAS NOS TEMPOS E ESPAÇOS DA TURMA

A segregação entre meninos e meninas aconteceu em vários momentos durante a observação. Em uma atividade para trabalhar o equilíbrio, eles se posicionaram nas muretas do parque e caminharam conforme a solicitação da professora. O menino HF5F sugeriu que as filas fossem de meninos e de meninas e a professora concordou. As crianças já estavam habituadas a se posicionarem separadamente e, nesse momento, não existia, por parte da professora, nenhum estímulo ou intervenção para que as crianças se organizassem de outra maneira.

Outro fato em destaque era o caso de uma única menina que se sentava com os meninos, porque chegava atrasada na escola. As crianças, ao chegarem, escolhiam seus lugares, e, como KSR chegava às 7h15 diariamente, ela só encontrava cadeira vazia perto dos meninos e ficava triste a aula toda, aguardando o horário da saída. Quando alguma criança iria embora, ela imediatamente se posicionava próxima das meninas, o que lhe dava prazer, como se fosse uma reintegração ao único grupo ao qual poderia pertencer. Porém, nas atividades externas, ela não tinha o aval das meninas para delas se aproximar, já que, na aula, estava sempre junto com os meninos. É interessante observar que a posição espacial e, ao mesmo tempo, social ocupada por KSR na sala de aula funcionava como uma espécie de passaporte vetado que ela possuía para pertencer ao grupo de meninas.

Observa-se, portanto, que, em virtude de KSR permanecer próxima aos meninos na sala de aula, desencadeia-se, no grupo de meninas, um movimento de exclusão em relação a ela, posto que, quando as crianças se encontram em outros espaços, ela não se sente aceita pelo grupo, voltando a ficar junto com os meninos. Isto pode ser observado na figura 14. Desse modo, são estabelecidas regras de exclusão e segregação que regulam o grupo de pares, posto que as crianças que não compartilham das mesmas regras são discriminadas no interior de uma determinada cultura lúdica.

Novamente, a professora da turma se omite e permite que as implicações relacionadas ao binarismo menino/menina se perpetuem. Não houve discussões para romper ou questionar os entraves ali existentes. Segundo Guizzo (2007, p. 41), um dos fatores do silenciamento da educadora pode ser atribuído ainda a uma grande carência no tocante à “discussão de temas relacionados a gênero e sexualidade nos cursos de formação de profissionais da educação, o que, muitas vezes, dificulta a problematização de situações e temáticas emergidas no cotidiano escolar”.

A segregação por gêneros está fortemente presente nas brincadeiras e nas interações das crianças, que estão condicionadas a essa forma de organização e, sozinhas, não conseguem romper com esse modo de se relacionar. Não é só na sala de aula que o binarismo predomina. Em outros espaços de convivência, a separação/segregação como prática cotidiana vigente nas relações entre as próprias crianças e entre a professora e as crianças também está presente.

As brincadeiras das crianças remetem à questão social e culturalmente construída das relações entre gêneros, em especial na infância, pois se aprende, desde muito cedo, que essas relações necessitam de vigilância, de maior controle por parte dos adultos. Os próprios pais das crianças sugerem que as meninas se relacionem com as meninas e os meninos com os meninos, e, dessa forma, as marcas identitárias reforçam os modos de ser menino e menina.

A forma como as crianças se relacionam, com base na demarcação de gênero, durante grande parte do tempo, é visível. A professora, por sua vez, está de tal modo habituada a ver os grupos de meninos de um lado e das meninas de outro, que essa separação se encontra naturalizada para ela. Em todos os momentos, eles se organizam como de costume e a professora não se manifesta, perpetuando o binarismo menino/menina em todas as atividades por ela propostas. Não são proporcionadas às crianças da turma outras formas de se relacionarem e elas perdem a oportunidade de criarem outras relações, construir outras brincadeiras em que ocorra a interação entre meninos e meninas, o que, conseqüentemente, fortalece e legitima a separação em grupos.

As brincadeiras das meninas, revelam o grupo e suas brincadeiras relacionadas à leitura e a interação entre elas. Dessa forma, temos, nas práticas diárias, a restrição, o controle, a rejeição às singularidades e a tendência ao desejo de ser aceito pelo grupo. Essas crianças estão organizadas em grupos de meninos e grupos de meninas, restando

poucas possibilidades a cada uma delas de ser aceita nas brincadeiras e no grupo do outro.

Conforme explica Walkerdine (1995, p. 216), espera-se que as meninas permaneçam submetidas ao controle do comportamento doce e submisso, e, “quando elas exibem características associadas com independência e autonomia, considera-se que nem tudo vai bem na sala de aula. Seu comportamento é frequentemente castigado como ameaçador e não-feminino”.

Tendo em vista minha atuação na rede municipal de ensino, como educadora infantil, fui convidada pela equipe diretiva a organizar uma oficina de atividades lúdicas com as crianças, na tentativa de romper com essa relação segregada entre meninos e meninas. Para tanto, elaborei uma oficina de brincadeiras pelo viés das relações de gênero, tendo como objetivo mostrar que é possível realizar atividades conjuntas com ambos os grupos, com fila composta por meninos e meninas.

A utilização da fila única, mista, para que eles aguardassem o momento de realizarem os desafios ali presentes, tinha o objetivo de desmistificar e desnaturalizar a organização de filas separadas de meninos e meninas. A linha demarcada no chão, com fita crepe, demonstrava o local onde elas deveriam aguardar a sua vez e como deveriam se organizar. Todas as crianças tinham a visão do ambiente como um todo.

Nessa atividade, foi possível observar que as crianças só não brincam juntas porque as atividades que são realizadas no contexto educativo infantil, de modo geral, não oportunizam que as vivências lúdicas sejam propiciadas. Durante a atividade, percebia-se, em suas ações, prazer, felicidade e entusiasmo pelo fato de estarem todas as crianças juntas em um mesmo espaço, sobretudo outras de turmas distintas do período matutino.

O cavalo com tons de marrom, sem enfeites, e a égua rosa e lilás demonstram o binarismo arraigado nas práticas da professora. Os meninos só brincavam com o cavalo, e a égua rosa só poderia ser manipulada pelas meninas. Outro artefato que também confirma essa mesma legitimação é o brinquedo do vai-e-vem. Trata-se de objetos feitos de garrafa PET, confeccionados pela professora, que são utilizados no cotidiano da sala de aula, ocasião em que se reforça, mais uma vez, a naturalização do binarismo de gênero na educação infantil. Assim, analisamos a forma como as cores validam o modo de ser menino ou menina, conforme Felipe e Beck (2013) argumenta:

A afirmação de que a menina tem de usar o rosa e o menino o azul extrapola a questão ligada ao gosto pessoal por cores. Essa questão é eminentemente social, pois se aprende, desde muito cedo e no decorrer da vida, que essas cores identificam os meninos e as meninas. Essas cores produzem marcas identitárias, não permitindo pensar em outras formas de se fazer homem e de se fazer mulher. Ao contrário, demarcam a única forma legítima de ser masculino e de ser feminino. (FELIPE; BECK, 2013, p. 635).

A relação das cores e da composição dos elementos dos artefatos, sobretudo os que estão disponíveis para o consumo e consistem em acessórios destinados às crianças, remete a outra demarcação existente: os meninos são super-heróis e as meninas, princesas.

Essas representações carregam modos de ser menino ou menina.

Os meninos são representados como fortes, poderosos e como aqueles que conseguem lidar com qualquer adversidade. São os heróis, enquanto as meninas simbolizam amabilidade, meiguice, bons modos e doçura: são as princesas. Conforme argumenta Xavier Filha (2011),

[...] o que se observa é que as representações de gênero estão fortemente carregadas com o que se espera convencional e historicamente das meninas: delicadeza, submissão, doçura, além de sensualidade e ousadia. Dos meninos espera-se: valentia, coragem, fortaleza, paixão. São eles que desbravam o espaço público, em detrimento das meninas, às quais ainda se reservam os espaços privados e domésticos. (XAVIER FILHA, 2011, p. 601)

Assim, as relações estabelecidas na Educação Infantil têm o objetivo de inserir as crianças na vida social. Dessa forma, meninos e meninas começam a conhecer e aprender os sistemas que regem a sociedade, de forma a interagir e participar desse contexto. No entanto, esse processo de apropriação ainda tem como base os comportamentos pré-estabelecidos pelos adultos.

Interessante que, ainda nessa situação, nos deparamos com discursos das crianças sobre ser menina e ser menino. Vejamos:

IFR: *Oh, pode brincar que eu vou escrever para você bem bonitinho assim! Eu sou muito boa de pintar. Segura... segura assim, ó! É só pintar com essa mão aqui, com essa mão aqui que é fácil.*

ESC: *Eu sou muito boa em pintar, pinta bem devagarzinho, para ficar prontinho, viu como saiu no risco, ó!*

Percebe-se, na transcrição acima, todo o esforço que a aluna tem em realizar com primor uma atividade por conta de todo o cuidado com a beleza e com os detalhes do desenho. No final, a aluna se orgulha de ser “muito boa em pintar”.

Em seguida, falas que trazem a rejeição à cor rosa por ser menino se fazem presentes:

PRPB: *Você adora pintar casa, então pinta de qualquer cor, mas não pode pintar rabiscado, viu? Como eu estou pintando muito bonito, agora vou pegar o rosa, rosa.*

CENS: *Não, não quero, não!*

PRPB: *E roxo?*

CENS: *Não!*

PRPB: *Então, eu não vou te dar minha balinha...*

CENS: *Eu quero de verde.*

Verifica-se, nesse momento, que o aluno foi enfático ao falar que não queria usar a cor rosa, tão pouco a cor roxa, cores definidas como próprias do universo feminino. Ele, como menino, prefere pintar a sua casa de verde.

Dentre as atividades analisadas no decorrer das observações, houve um momento, desencadeado pela leitura da obra de literatura infantil “Bom dia, todas as cores!”, de Ruth Rocha, escolhida em função da diversidade e possibilidade de mutação apresentadas no decorrer da história. Como resultado, as crianças se manifestaram acerca do tema central desta pesquisa – as questões de gênero – e, também, de outros temas, conforme pode ser analisado posteriormente.

A história trata de um camaleão que mudava de cor de acordo com a sugestão dos animais que encontrava pelo caminho. Ele mudou de cor tantas vezes para agradar aos outros que ficou cansado. Porém, ele percebeu que é impossível agradar a todos o tempo todo e, no dia seguinte, ele optou pela cor rosa e, ao receber a sugestão de usar uma cor num tom mais forte, ele sorriu agradecendo o conselho, mas preferiu fazer o que lhe convinha e agradar a si mesmo.

Tal como acontece na história de Ruth Rocha, somos sugestionados o tempo todo em vários aspectos, conseqüentemente, na escola, há certa imposição de como as crianças devem agir com relação às questões de gênero. Afinal, meninos são meninos e devem gostar de coisas de meninos, assim como acontece com as meninas. Como reflexo disso, temos as crianças tão condicionadas a esse tipo de comportamento que, quando a professora começou a leitura, um dos alunos se espantou ao ver um camaleão cor de rosa.

A história contada para as crianças nos propõe pensar a relação das variadas cores com a diversidade. Assim, a transformação das cores do camaleão nos remete à possibilidade de se constituir como outros, a partir das diferenças, fazendo inferência às identidades cambiantes e à alteridade.

A educadora optou por uma mera reprodução da história, quando poderia ter trabalhado a diversidade que o personagem camaleão suscita. Problematizamos a função da educadora infantil nesse episódio. Com base nos documentos oficiais da Educação Infantil, temos o respaldo necessário para o levantamento de questões, junto às crianças, acerca da diversidade e das identidades sexuais, de gênero, étnico-raciais, presentes no espaço escolar, como forma de garantir o exercício da cidadania. É importante que a professora, em sua prática docente, traga à tona tais discussões para que aconteça a desconstrução de preconceitos e a desnaturalização de discriminações de gênero presentes na sociedade, que repercutem na escola.

Conforme a professora, as atividades relacionadas ao corpo das crianças estão ligadas a movimento, em especial, na turma em que atua, pois, durante a entrevista, ela alega que “nesta idade todo o trabalho é voltado para socialização, vivências e interação”. Ao considerar a importância de proporcionar às crianças se expressarem livremente, a professora MBO cita que divide a sala de aula em vários ambientes organizados de acordo com os brinquedos, bonecas ou carrinhos, e a criança escolhe qual espaço ocupará de acordo com as brincadeiras e/ou brinquedos que despertam seu interesse.

Por mais que a professora apresente, em suas falas, uma valorização do corpo

para a construção do conhecimento, suas práticas revelam que, mesmo assim, a questão do binarismo se torna predominante, sendo reforçado nos materiais que ela utiliza, mas, sobretudo, na forma como ela organiza as filas, separando meninos e meninas, em todas as atividades propostas no espaço escolar.

Ao ser questionada sobre alguma experiência que tenha envolvido a família, relacionada ao corpo da criança, a professora afirma não se lembrar de nada significativo, pois, conforme afirma: “não me recordo de nada em especial”. Isto revela a ausência desses assuntos na pauta do cotidiano escolar. Conjectura-se que essa ausência se justifica mais ainda por se tratar de crianças pequenas. As análises de Ribeiro (2015) nos permitem compreender o porquê de essas questões serem tão conflitivas e difíceis de serem trabalhadas no contexto escolar.

Perguntas que podem ser geradoras de outras perguntas e as respostas não são consensuais, pois sexualidade e gênero imbricam-se com as diferenças: de valores, de religião, de crenças, de costumes, de concepções, de significações, que também se entrelaçam com o dito e o não dito, o pode e o não pode, prazeres e desprazeres, alegrias e tristezas, vergonhas, culpas, insinuações, segundas intenções. (RIBEIRO, 2015, p. 08).

Ao lidar com a temática de sexualidade na Educação Infantil, a professora MBO garante que tem um grande desafio, pois “precisa de melhor preparo para abordar de forma correta, sem tabus, para que possamos mediar essa construção que está em nossas mãos, e sem impor padrões da sociedade, como comportamentos para homem ou mulher”.

A professora, ao ser questionada sobre a forma como os espaços da escola são organizados, alega que unidade escolar deixa muito a desejar no quesito organização. Para ela, a escola deve oportunizar à criança a participação em atividades variadas, aprendendo a controlar e a conhecer o próprio corpo, bem como a se relacionar com o outro. Esse ponto de vista mostra um pouco de sua insatisfação com a estrutura física do ambiente escolar, por mais que esta pesquisa tenha visualizado uma escola com espaços convidativos e propícios para o desenvolvimento de um trabalho voltado à educação de crianças pequenas. É importante ressaltar que a escola investigada, antes de se tornar uma unidade do município, foi uma escola da rede privada de ensino, que atendia às exigências e especificidades da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas relacionados ao gênero devem ser problematizados no currículo da Educação Infantil, para que possam ampliar as possibilidades pedagógicas de uma nova visão para as crianças e suas infâncias. Para que as discussões sobre gênero ocorram de forma mais ampla em sala de aula, é imprescindível, avaliar de que maneira, na nossa cultura, os vários grupos sociais definem estratégias para o controle sobre os corpos femininos e masculinos. Essas estratégias estabelecem padrões de comportamentos

considerados “normais”. Aqueles que fogem a essa “norma” são categorizados como problemas inaceitáveis, sendo-lhes, muitas vezes, impostos terapias, tratamentos, punições ou torturas. É fato que o educador, juntamente com os profissionais envolvidos na Educação Infantil, deve ter uma postura diferente desta.

Embora deva fazer parte do cotidiano da criança e de suas experiências, a sexualidade ainda é um tema difícil de ser trabalhado em sala de aula. No presente trabalho, ficou claro como as crianças vão construindo suas relações através dos significados e das linguagens culturais dos quais se apropriam na convivência com as outras crianças e também com os adultos, trazendo-os para as suas brincadeiras e para os seus mais diversos modos de expressão. Em consequência, as crianças vão se apropriando das referências simbólicas presentes nos discursos do mundo adulto e infantil.

Durante as aulas, observou-se que as crianças tinham uma postura de resistência para se adequarem a algumas normas ou regras impostas pela professora. Essa postura evidencia como meninos e meninas exploravam os espaços e situações. Resistir ao fazer uma atividade solicitada pela professora é uma forma das crianças transgredirem as regras no universo escolar.

Compreendemos, nesta pesquisa, que as relações que as crianças estabelecem com o próprio corpo e o corpo do outro demonstram a separação entre meninos e meninas, consolidados nos artefatos usados nas roupas, acessórios e brinquedos utilizados. O silenciamento perante as questões de gênero como estas podem contribuir para a perpetuação da cultura do binarismo nas relações sociais, refletindo nas formas de se relacionar com o outro e consolidando modos de viver a infância fortemente demarcados por essa lógica.

As relações de amizade também são atravessadas por questões de gênero. Esse fenômeno é possível ser identificado por meio do episódio descrito, relativo ao caso da menina que tem que se sentar próxima aos meninos diariamente, em razão do horário que ela chega à sala de aula, mas, também, na ausência de planejamento por parte da professora ao não propor outras formas de organização da sala de aula, que rompam com essa separação. Como vimos no capítulo 3, a menina permanecia a maior parte do tempo em um local da sala onde apenas meninos estavam sentados.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BUSS-SIMÃO, M.; MEDEIROS F. E. de; SILVA, A. M.; SILVA FILHO, J. J. da. Corpo e Infância: Natureza e Cultura em Confronto. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V. 26, n.03, p.151-168, dez. 2010.

FELIPE, J. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e formulação de políticas públicas. **Proposições (Unicamp)**, v. 18, p. 77-87, 2007.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca; BECK, Dinah Quesada. **Infâncias, gêneros e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas-Rio Grande do Sul: Ed. ULBRA, 2013.

FOUCAULT. M. **História da Sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GUIZZO, B. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil. **Revista Ártemis**. v. 6, p. 38-48, jun. 2007.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil** – uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 8. ed. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PEREIRA, R. M. R. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, R. M. R., MACEDO, N. M. R. (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

RIBEIRO, C. M. No labirinto da educação infantil: as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade. **Revista Periódicus**. ed.2, p. 02-14, abril 2015.

ROSA, G. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Mediação, 2004.

SALGADO, R. G. **Ser criança e herói no jogo e na vida**: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos Pós Modernos. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez., 1995.

XAVIER FILHA, C. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Estudos Feministas**. Florianópolis. v. 19, n. 2, p. 591-603, maio/ago. 2011

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono escolar 27, 28, 29, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 44
Acessibilidade 125, 188, 198
Aprendizaje acelerado 200, 201, 202, 204, 206
Arte 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 150, 187
Autoajuda 174, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186
Avaliação da aprendizagem 95, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 172

B

Biologia 94, 115, 124, 134, 135, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 161

C

Ciências 13, 27, 33, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 51, 83, 90, 110, 114, 115, 116, 119, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 139, 140, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 176, 222, 223, 224, 233
Círculos de construção de paz 97, 99, 103, 104, 106, 109
Classes populares 27, 28, 30, 42
Comunicação gesto-visual 125
Comunidade escolar 91, 97, 100, 103, 108, 110, 127, 129, 150, 151, 152, 156, 159, 160
Coordenação pedagógica 90, 91, 92, 93, 96
Corpo 9, 52, 93, 114, 129, 130, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 158, 179, 182, 208, 209
Currículo 43, 95, 105, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 134, 147, 209

D

Desempenho escolar 28, 30, 31, 32, 39, 43, 159, 161
Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 38, 40, 42, 43, 48, 49, 51, 55, 90, 91, 92, 95, 97, 99, 100, 101, 104, 107, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 122, 123, 139, 147, 152, 153, 154, 158, 160, 163, 167, 168, 171, 183, 189, 190, 191, 192, 208, 209, 211, 217, 218, 220, 221, 225, 227, 228, 230, 233
Discentes 45, 46, 92, 125, 152, 153, 154, 163, 164, 171, 204, 209, 228, 229, 230
Docência 45, 47, 52, 53, 55, 93, 117, 124, 134, 153, 164, 165, 166, 171, 172, 173, 233

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 32, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 109, 110,

112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 157, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 198, 199, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 233

Educação a distância 49, 50, 55

Educação infantil 6, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Educação profissional 2, 207, 208, 210, 211, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Ensino superior 6, 14, 22, 30, 52, 53, 55, 81, 113, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 169, 172, 199, 208, 209, 225, 226, 227, 228, 232, 233

Escola 2, 14, 19, 27, 30, 32, 39, 41, 42, 44, 47, 51, 80, 81, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 110, 111, 117, 126, 134, 136, 137, 140, 141, 142, 146, 147, 156, 157, 158, 167, 168, 172, 184, 185, 193, 198, 209, 211, 215, 216, 223

Estilo parental 56, 57, 58, 61, 63, 64

Estrés acadêmico 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77

Estressores 68, 69, 70, 72

Evasão 42, 168, 207, 208, 223, 227

Exclusão 28, 39, 42, 43, 143, 154, 180

Extensão 2, 3, 4, 6, 36, 52, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161, 162, 208, 233

F

Família 1, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 82, 99, 104, 140, 147, 148, 181

Formação 1, 4, 22, 28, 33, 34, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 55, 83, 88, 91, 93, 94, 95, 96, 103, 108, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 143, 153, 154, 162, 164, 165, 166, 168, 172, 173, 179, 211, 214, 221, 226, 233

Formação docente 91, 93, 96, 113, 117, 118, 121, 122, 162

H

Habilidades cognitivas 200, 203

Humanismo 84, 177, 178

I

Identidade 5, 27, 29, 44, 46, 52, 53, 113, 122, 124, 137, 141, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187

Infância 22, 31, 36, 108, 136, 138, 139, 143, 148, 149

J

Justiça restaurativa 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111

L

Legislação para formação de professores 112, 115, 116

Licenciatura em Física 112, 113, 116, 120, 122, 123, 124

Língua Brasileira de Sinais - Libras 188, 192

Locus de control 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

M

Mediação pedagógica 55, 90, 91

Metacognición 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

N

Neoliberalismo 174, 186, 222

P

Pedagogia visual 125, 126, 127, 129, 134

Permanência estudantil 207, 208

Políticas de assistência estudantil 207

Políticas públicas 7, 8, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 24, 42, 140, 149, 184, 190, 213, 216, 218, 222, 223, 226, 227, 231, 232

Professor 4, 5, 15, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 90, 93, 94, 95, 102, 112, 114, 115, 118, 124, 128, 133, 137, 153, 155, 156, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 189, 192, 198, 233

R

Recursos Educacionais Abertos - REA 188, 195, 198

Relações de gênero 136, 137, 141, 142, 144

Rizoma 79, 84, 85, 87, 88

S

Saúde 7, 21, 45, 46, 49, 55, 150, 151, 162, 208, 212, 213, 214, 227

Scratch 125, 126, 127, 130, 131, 132, 135

Surdos 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 188, 192, 193, 195, 196, 198

Sustentabilidade 13, 15, 161

T

Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC 188

Território 79, 82, 140, 157

Trabalho pedagógico 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

U

Universitarios 56, 61, 65, 67, 68, 69, 76, 77, 204

V

Violencia en el noviazgo 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

